

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

Rosânia do Nascimento¹

Este é um livro de ativismo intelectual e uma das melhores contribuições teóricas às ciências sociais dos últimos tempos. Essa assertiva não apresenta natureza conflitiva, pelo contrário, o mote da obra margeia as experiências compartilhadas pelas mulheres afro-americanas, portanto, confronta com as diretrizes hegemônicas da produção do conhecimento acadêmico. Como toda e qualquer epistemologia, a proposta revolucionária erigida pela autora, a socióloga e pensadora Patricia Hill Collins, abrange paradigmas, neste caso, referenciais investigativos e analíticos como interseccionalidade e empoderamento construídos pela tradição dos feminismos negros.

Patricia Hill Collins é uma importante socióloga afro-americana, professora de sociologia com distinção da Universidade de Maryland e professora emérita de sociologia da Universidade de Cincinnati. Publicado originalmente em 1990, nos Estados Unidos, o clássico *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento* aporta no Brasil em 2019. Organizada pela editora Boitempo Editorial com tradução de Jamille Pinheiro Dias, a obra apresentada resulta da práxis política e ativista das mulheres Negras e feministas brasileiras da segunda metade dos anos 2000 que têm desvelado o racismo institucional e o sexismo prenhe à produção editorial nacional, portanto, têm tensionado a importância da tradução das suas irmãs diaspóricas para o público brasileiro.

No Brasil, a primeira publicação da socióloga Patricia Hill Collins ocorre em 2015 nos Cadernos Sempreviva com tradução de Júlia Clímaco², lapso temporal que marca a I Marcha das Mulheres Negras e V Marcha das Margaridas, esta última reuniu milhares de mulheres quilombolas, dos territórios e povos do campo, das águas e das florestas, em Brasília, Distrito Federal. No ano seguinte, Patricia Hill Collins compôs o dossiê *Decolonialidade e Perspectiva Negra* da Revista Sociedade e Estado³, organizado pelo sociólogo negro Joaze Bernardino-Costa e Ramón Grosfoguel. Neste número, a autora apresenta os aportes sociológicos do pensamento feminista negro, inclusive, parte dos pressupostos da objetividade científica aludida por Georg Simmel e Karl Mannheim para defender a multidisciplinaridade da sua teoria social crítica.

No início da segunda década dos anos 2000, percebeu-se uma abertura maior para suas traduções⁴, além do mais, os materiais investigativos elaborados por Patricia Hill Collins confluem com as ferramentas teóricas e práticas tecidas pelas mulheres Negras brasileiras. Nessa seara, as intelectuais contemporâneas como, por exemplo, as baianas Angela Figueiredo⁵, Carla Akotirene⁶ e a gaúcha Winnie Bueno⁷ têm reunido esforços para ampliar as ideias defendidas por Patricia Hill Collins a fim de ensejar a apropriação do *Pensamento Feminista Negro* pelo público nacional como teoria social e prática política, e não somente como uma obra circunscrita às margens acadêmicas.

À edição brasileira, Patricia Hill Collins afirma que diálogos emergentes dos feminismos negros globais são profícuos, ela destaca “as conexões cada vez mais visíveis entre o feminismo brasileiro e o pensamento feminista negro dos Estados Unidos que ilustram os possíveis benefícios de um feminismo negro transnacional” (COLLINS, 2019, p. 13). Nesse sentido, a comunidade intelectual

afro-americana apoia-se na agência e resistência erigida por suas mulheres. No contexto brasileiro, os projetos políticos de justiça social das mulheres Negras brasileiras compreendem um panteão caudaloso como o rio-ancestral, entre tantas, Laudelina de Campos Mello, Joana Camandaroba, Lenira Carvalho, Creuza Oliveira, Benedita da Silva, Jovelina Pérola Negra, Clementina de Jesus, Carolina Maria de Jesus, Beatriz Nascimento, Lélia González, Neusa Santos Souza, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Thereza Santos, Conceição Evaristo e Deise Benedito.

A tradução brasileira conta com 495 páginas e baseou-se nas duas últimas edições em língua inglesa do livro *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment* publicadas em 2000 e 2009. Patricia Hill Collins insere à segunda edição novas reflexões e análises, porém, o paradigma de opressões interseccionais (raça, classe e gênero) permanece sendo o mote da obra, a socióloga acresce, entretanto, as variáveis nação e sexualidade. As revisões adotadas pela autora ampliam referenciais teóricos, a título de exemplo, afrocentricidade, tradição negra radical, *Black Gender Studies*, pensamento social marxista, sociologia do conhecimento, teoria social crítica e feminista, isto posto, o referido livro espelha novos contextos sociais e políticos dos últimos trinta anos desde o seu lançamento original.

A Parte I compreende dois capítulos, respectivamente, 1. A política do pensamento negro e 2. Características distintivas do pensamento feminista negro. No primeiro capítulo, a socióloga apresenta os aportes sociológicos da sua teoria social crítica, à vista disso, a opressão compartilhada coletivamente pelas mulheres afro-americanas, historicamente, estruturou-se a partir das dimensões política, econômica e ideológica, entretanto, a produção intelectual destas mulheres não é interpretada tão-

somente à luz do silenciamento. Pelo contrário, a socióloga inverte o padrão da supressão para defender a enunciação do conhecimento elaborado pelas mulheres Negras, isto feito, Patricia Hill Collins identifica dois grandes momentos desta produção intelectual; a saber, (i) a virada do século XIX para o século XX, lapso temporal e social marcado pela profusão do ativismo das associações de mulheres Negras e, por conseguinte, (ii) a atuação das mulheres afro-americanas durante os movimentos civis e feministas negros entre as décadas de 1960 a 1970.

Nesta primeira parte, a socióloga adota pressupostos alternativos para definir o *Pensamento Feminista Negro*, por consequência, propõe a desconstrução da noção de intelectual seguida por uma nova redefinição. Assim, a socióloga entende por intelectual todas as mulheres afro-americanas que avolumam a sua teoria social crítica, à vista disso, advoga que “nem todas as intelectuais foram escolarizadas. Nem todas as intelectuais negras estão no meio acadêmico (COLLINS, 2019, p. 52). O caudal epistemológico apresentado por Patricia Hill Collins reúne nomes diversos, a título de exemplo, Sojourner Truth e Maria Stewart (oradoras escravizadas), Nancy White (trabalhadora doméstica), Anna Julia Cooper e Ida B. Wells (ativistas), Toni Cade Bambara, Hazel Carby, Audre Lorde, Barbara Christian e Alice Danbar-Nelson (feministas negras e lésbicas), bell hooks, Alice Walker, Toni Morrison, Zora Neale Hurston e Angela Davis (pensadoras e escritoras) e Bessie Smith e Ma Rainey (cantoras de *blues*).

A parte II do livro compreende os capítulos 3. Trabalho, família e opressão das mulheres negras; 4. *Mammies*, matriarcas e outras imagens de controle; 5. O poder da autodefinição; 6. A política sexual para as mulheres negras; 7. As relações afetivas das mulheres negras; 8. As mulheres negras e a maternidade e 9.

Repensando o ativismo das mulheres negras, estes são os temas centrais do *Pensamento Feminista Negro*. Conforme a socióloga Patricia Hill Collins, a epistemologia gestada pelas mulheres afro-americanas, em conjunto, assegura a legitimidade da sua teoria social crítica por abranger três distinções; (i) as mulheres negras como coletividade marcada por opressões interseccionais agenciam a sua própria autodefinição e (ii) reagem coletivamente ou individualmente ao sistema de dominação patriarcal, heterossexista e racista; elaboram respostas diferentes a desafios comuns. Isto posto, (iii) gestam o ponto de vista (*standpoint*) coletivo, entretanto, tal pressuposto não se propõe universal nem se aparta de outras coletividades oprimidas, pelo contrário, confirma experiências e programas de justiça social em conexões transnacionais e globais.

No que tange a discussão desdobrada na Parte II, considerada a parte mais densa e complexa da obra, Patricia Hill Collins empreende um rigoroso levantamento historiográfico, oral, fonográfico e literário sobre as mulheres afro-americanas, a autora concebe com acuidade científica e olhar criterioso os objetivos gerais e específicos da sua teoria social crítica. Entre tantos conceitos elaborados, contestados com veemência ou moldados com maestria, a socióloga desvela o teor ideológico supremacista branco, por conseguinte, denomina fato social as *imagens de controle*. Além da objetificação endossada por instituições sociais, as imagens de controle refletem a percepção da sociedade branca sobre os corpos das mulheres negras, com efeito, arregimenta estereótipos, símbolos e signos depreciativos e desumanizadores correspondentes às (i) *mammies* (mãe preta); (ii) matriarcas (mantenedora das famílias negras) e (iii) jezebéis ou *hoochies* (prostitutas ou *cadelas*).

À guisa final da obra, a Parte III intitulada Feminismo

Negro, Conhecimento e Poder e depreende-se em três capítulos finais, de modo respectivo, 10. O feminismo negro estadunidense em contexto transnacional; 11. Epistemologia feminista negra e 12. Por uma política do empoderamento. Tendo em vista raça, classe, gênero, nação e sexualidade como variáveis do escopo epistemológico e analítico do *Pensamento Feminista Negro*, Patricia Hill Collins afirma que os paradigmas interseccionais estimulam conexões entre conhecimento e empoderamento. À vista disso, considera a emergência dos feminismos negros transnacionais, a socióloga ressalta que o vasto arcabouço teórico e prático produzido pelas mulheres senegalesas, caribenhas, brasileiras e britânicas, reforçam a premissa que não “existe uma mulher negra essencial, ou arquetípica” (COLLINS, 2019, p. 73). Assim, como corroborado pela autora, a matriz de dominação patriarcal, heterossexista e capitalista pode ser universal, as experiências e insurgências elaboradas por diversas mulheres negras em contextos transnacionais e globais, não.

O livro encerra com afirmações propositivas, com efeito, o *Pensamento Feminista Negro* configura-se como teoria social crítica em interface com projetos de justiça social globais. Dessa forma, ao inverter os padrões de supressão e silenciamento, por consequência, as mulheres Negras desafiam a estrutura ocidental de validação científica. Assim, ao valorizar o ponto de vista e sua autodefinição gestados nos seus *espaços seguros*, como produtoras de conhecimento as mulheres Negras agenciam a própria legitimidade e validação do seu conhecimento. Recomenda-se a leitura deste livro por ser uma obra robusta tecida na área de ciências sociais, e que aborda com maestria a potência das experiências vividas por reivindicações éticas e justas de (re)conhecimento.

Notas:

1 Bacharelada em Ciências Sociais com habilitações em Antropologia e Estudos Latino-Americanos. Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/DAN/UnB). Bolsista CNPq e Cofundadora da Oficina e Coletivo Escrivências. Pesquisa a vida e obra da professora, política e escritora negra Joana Camandaroba e comunidades quilombolas no Território de Identidade do Velho Chico, Bahia. **E-mail:** rosaniaoliveira01@gmail.com.

2 COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. Tradução Júlia Clímaco. In: MORENO, Renata (Org.). **Reflexões e práticas de transformação feminista**. São Paulo-SP: SOF, 2015, pp. 13-42. Coleção Cadernos Sempreviva: Série Economia e Feminismo.

3 COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Tradução Juliana de Castro Galvão. Revisão Joaze Bernardino-Costa. In: **Revista Sociedade e Estado**. Volume 31. Número 1. janeiro/abril, 2016, pp. 99-127.

4 Cf. COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo Negro, interseccionalidade e política emancipatória? Tradução Bianca Santana. In: **Revista parágrafo**, jan./jun. V.5, n.1, 2017a. Cf.

5. **O poder da autodefinição**. Tradução didática Natália Luchini. Revisão Bianca Tavolari. Disciplinas da USP. pp. 179-217, s/d.

5 COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. Tradução Angela Figueiredo e Jesse Ferrel. In: **Cadernos Pagu** (51), 2017b.

6 Cf. Importante diálogo desta autora baiana com a socióloga Patricia Hill Collins. AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Selo Sueli Carneiro e Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

7 Cf. Primeira dissertação no Brasil dedicada à teoria social da referida autora. BUENO, Winnie. Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* a partir do conceito de imagem de controle. Dissertação (**Mestrado em Direito**)

Universidade do Vale do Rio Sinos (Unisinos). Programa de Pós-Graduação em Direito. São Leopoldo, RS, 2019.